

O “poeta de um poema só” e o cânone romântico brasileiro

Natália Gonçalves de Souza Santos

Marques, Wilton José. *O poeta sem livro e a pietà indígena*. Campinas: Editora da Unicamp, 2015, 216 p.

A publicação de *O poeta sem livro e a pietà indígena* dá continuidade às reflexões de Wilton José Marques acerca do século XIX brasileiro situadas, de certa forma, na contramão de grande parte dos estudos literários contemporâneos.¹ Desta feita, o autor investiga a importância do poema “Nênia à morte do meu bom amigo o Dr. Francisco Bernardino Ribeiro”, de Firmino Rodrigues Silva (1815-1879), para a constituição de nosso cânone romântico. Dados os elementos envolvidos na publicação e circulação desse texto e o percurso de Firmino, a pergunta em torno da qual se circunscreve a obra de Marques é: “poderia um poeta sem livro, autor de pouco mais de meia dúzia de poemas, ter ou não alguma influência no processo de configuração temática do indianismo romântico brasileiro?”²

O que motiva essa questão é a presença constante de menções elogiosas à “Nênia” e ao seu autor, ao longo de todo o século XIX, feitas por personalidades literárias importantes do período, caso de Álvares de Azevedo e José de Alencar. Bem como a sua incorporação quase imediata aos esboços de construção da nossa tradição literária, dentre eles o *Bosquejo da história da poesia brasileira* (1841), de Joaquim Norberto, e o *Parnaso brasileiro* (1848), de Pereira da Silva, e o endosso de críticos de peso, como o de Sílvio Romero, na sua *História da literatura brasileira* (1888).

De forma geral, ecoou-se a ideia de que o poema de Firmino seria um dos primeiros de temática indianista do Romantismo brasileiro, antecipando algo da sensibilidade romântica, o que poderia ter influenciado a poesia de Gonçalves Dias, cujos *Primeiros*

1 Faço alusão ao seu livro de 2011, *Gonçalves Dias: o poeta na contramão* (EdUFSCar), em que é desenvolvida uma reflexão inovadora sobre o tema da escravidão no poema gonçalvino “Meditação” (1850).

2 MARQUES, Wilton José. *O poeta sem livro e a pietà indígena*. Campinas: Editora da Unicamp, 2015, p. 37. Todas as páginas citadas são dessa edição.

cantos (1846) saíam cinco anos após a primeira publicação da “Nênia”. Também se pode dizer que o texto poderia ter preparado a disponibilidade dos leitores do tempo, abrindo caminho para a boa recepção das “poesias americanas” gonçalvinas. Diante de todo esse êxito, torna-se curiosa a significativa diminuição da relevância dada a esse poema, ao longo do século xx, já que ele passa a ocupar a nota de rodapé das histórias da literatura e a “incômoda categoria de texto às vezes citado e nunca lido” (p. 12), o que vem a ser ainda mais agravado pelo fato de Firmino nunca o haver publicado em livro.

A fim de responder à pergunta inicialmente colocada, Marques procura retomar, no primeiro capítulo, intitulado “O cânone romântico, o indianismo e o poeta sem livro”, o horizonte de preocupações no qual estavam imersos os escritores envolvidos na construção de nosso cânone, com o qual o texto de Rodrigues Silva dialoga. Nesse sentido, o segundo capítulo da obra apresentada (“O jornalista, o fio da meada e os outros poemas”) busca esclarecer alguns pontos da trajetória dessa figura, tendo em vista sua pouca projeção na atualidade. Porém, esse movimento não se restringe à mera retomada de uma biografia. Com efeito, nesse capítulo o autor revela as estruturas do poder e do favor que mediavam as relações no século xix e que, de certa forma, interferiam naquilo que seria ou não parte do que estava se constituindo enquanto literatura brasileira, conjuntamente às opiniões da própria crítica literária.

Assim, a passagem de Firmino Rodrigues Silva pelos bancos da Faculdade de Direito de São Paulo e as pessoas que ele ali conheceu proporcionaram-lhe as intermediações iniciais necessárias para que ele adentrasse o universo da política, vindo a compor posteriormente os quadros do Partido Conservador, já que essa faculdade era, por excelência, o ambiente de socialização das elites nos oitocentos. Foi também ali que ele escreveu, entre os anos de 1833 e 1837, toda a pequena obra literária que lhe seria atribuída, perfazendo o caminho de grande parte dos bacharéis do seu tempo, que reservavam o período acadêmico para uma restrita dedicação às letras, “contribuindo para o patrimônio do grupo com produções as mais das vezes sem maior significado estético” e, após a formatura, “nunca mais ia abrir um livro de ficção ou de poesia”, conforme pontua Antonio Candido.³

Foi em meio a essa febre literária, acentuada nas décadas subsequentes, que Rodrigues escreveu sua “Nênia”, embora sob uma condição mais particular, como revela

3 CANDIDO, Antonio. “A literatura na evolução de uma comunidade”. In: _____. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006, p. 159.

o seu título: a morte de seu caro amigo, o dr. Francisco Bernardino Ribeiro (1815-1837). Conhecido como “mestrinho”, Bernardino Ribeiro tinha notável capacidade intelectual e havia assumido uma cadeira de professor no curso jurídico de São Paulo com apenas 21 anos. Seu falecimento motivou uma série de poemas fúnebres, sendo mais de um do punho do próprio Firmino. Mas foi certamente a “Nênia” que congregou de maneira mais aperfeiçoada a dor pungente diante daquela perda inesperada.

Apesar de composto em São Paulo, por ocasião do referido falecimento, o poema teve sua primeira publicação apenas em 1841, quando Firmino já havia se mudado para a capital do Império e trabalhava no jornal político-partidário *O Brasil*, veículo responsável por essa primeira aparição do texto. O emprego de jornalista e o viés literário que ele poderia assumir sinalizam um percurso típico do intelectual brasileiro no século XIX, sobretudo daqueles menos favorecidos, na tentativa de “arranjar-se” na vida, isto é, inserir-se no restrito mundo do trabalho” (p. 40). As dificuldades dessa tarefa, dada a configuração patrimonialista e escravocrata da sociedade brasileira do século XIX, explicam o fato de muitos bacharéis deixarem para trás o mundo dos versos, tendo diante de si a “áspera realidade” do país. Assim sendo, a oportunidade de utilizar a imprensa partidária para mostrar-se útil politicamente e continuar tecendo relações, com vistas à obtenção de cargos públicos, era uma etapa da maior importância, na sequência dos estudos acadêmicos. Firmino parece ter tirado o maior proveito dela, já que, após pagar seu tributo à imprensa, alcançou os cargos de juiz, deputado e, finalmente, senador do Império.

É possível que mesmo a publicação da “Nênia” tenha contribuído, embora de forma indireta, para estreitar sua relação com o Partido Conservador, na medida em que, tematicamente, o texto antecipa motivos românticos. Como se sabe, nosso romantismo funcionou, em larga medida, como projeto de construção de uma identidade nacional, no esteio de nossa independência política de Portugal e, sob o império de d. Pedro II, como ferramenta de centralização do poder, por meio de um discurso homogeneizador, calibrado pelo indianismo. Ao focar uma indígena, chamada Niterói, que chora o filho morto, ou seja, a *pietà* do título do livro, e operar uma pluralização de significados em torno de sua figura, não só mãe índia, como mãe pátria e metáfora da cidade do Rio de Janeiro – sede do poder naquele período –, Silva dá o tom de algo que seria repetido século afora.

Wilton Marques pontua que o poema corresponde às premissas eleitas pela crítica romântica como fundamentais ao cânone brasileiro, como a cor local e o indianismo. No nível simbólico, o motivo indígena contemplava algo particular ao Brasil, elemento já raro nas cidades brasileiras e, portanto, passível de ser mitificado. Além de individualizar

o brasileiro em relação ao colonizador, ele não gerava inconvenientes à manutenção do regime escravocrata. Tal programa foi implementado de maneira tão intensa por grande parte da intelectualidade oitocentista, amparada pelo governo central por meio de órgãos como o IHGB, que a existência de posturas refratárias a ele gerava retaliações e embates que Marques exemplifica por meio de textos publicados pela revista *Niterói*. É o caso do ensaio “Estudos de literatura” (1836), de Pereira da Silva, que afirma que “aqueles que deixam de cantar as belezas das palmeiras, as deliciosas margens do Amazonas” para “inspirarem-se de estranhas crenças [...] destarte não passam de meros imitadores” (p. 28).

Nota-se, então, que as escolhas literárias vão além dos critérios estéticos, assumindo matizes políticos, especialmente quando se tem a consciência de uma missão literária a ser cumprida, caso particular de nossos escritores do século XIX. As interações entre o valor estético e a relevância histórico-literária de uma determinada obra, que permeiam o discurso da crítica literária, ficam evidentes no terceiro capítulo do livro de Wilton José Marques. Em “O poema, a crítica e a pergunta”, o autor faz um levantamento cronológico dos principais juízos acerca do poema de Firmino ao longo do século XIX, demonstrando, no limite, como uma obra entra para o cânone literário. Dentre as opiniões de personalidades literárias que ali figuram, podem-se destacar a de Álvares de Azevedo e a de José de Alencar.

Em discurso pronunciado nas tribunas da Faculdade de Direito de São Paulo, em 1849, Azevedo, ao falar sobre aqueles que “aí por nossa terra vão acordando o amor literário”, destaca a importância dos *Primeiros cantos*, de Gonçalves Dias. Este “livro fundador” teria regenerado “a rica poesia nacional de Basílio da Gama e Durão, assinalada por essa melancólica Nênia de um gênio brasileiro que há dez anos sentou-se aqui nos bancos acadêmicos!...” (p. 94). Marques salienta que esse é o primeiro momento em que se faz uma relação tão direta entre a poesia indianista de Gonçalves Dias e o poema de Firmino, sugerindo o caráter precursor deste. É interessante observar que, conforme adiciona Marques, o autor da “Nênia” e o pai de Álvares de Azevedo, Inácio Manuel, eram amigos e se frequentavam, sendo ambos membros do Partido Conservador, o que teria facilitado o acesso ao poema do poeta sem livro, sugerindo também que, como dito anteriormente, o cânone não é formado apenas por qualidade, mas também pela importância histórica das obras, e mesmo pelas relações de amizade.

É ao longo das cartas em torno da polêmica sobre a *Confederação dos Tamoios*, de Gonçalves de Magalhães, publicadas no *Diário do Rio de Janeiro* em 1856, que José de Alencar faz um comentário sobre a “Nênia”. Ele a aponta, ao lado de Gonçalves Dias,

como um dos modelos a serem seguidos por aqueles que quisessem produzir uma obra nacional. Ou seja, a poesia desses autores conteria a cor local e a vivacidade própria à verdadeira poesia brasileira, características que a obra de Magalhães não conseguira atingir. Assim, para José de Alencar, ao lado da poesia de Gonçalves Dias,

[...] há também uma pequena nênia americana, uma flor que a pena de escritor político fez desabrochar nos seus primeiros ensaios, e que para mim ficou como o verdadeiro tipo de poesia nacional; há aí o encanto da originalidade e como um eco das vozes misteriosas de nossas florestas e dos nossos bosques (p. 98).

Como pontua Marques, as considerações de Alencar são bastante elogiosas, ainda mais quando se pondera que o objeto da crítica é “autor de um poema só”. Destaca-se o juízo acerca de sua originalidade, um dos grandes anseios do artista romântico, indicando, assim, que Alencar julga Firmino por meio do prisma romântico e o considera enquanto tal, tendo em vista o tema de seu poema e o sentimento que dele emana, mesmo que a sua forma seja clássica.⁴

Por outro lado, é possível avaliar que as ponderações dos dois escritores “possam trazer em si um suposto espírito de solidariedade acadêmica, já que ambos também cursaram a mesma Faculdade de Direito de São Paulo” (p. 99), o que faz pensar, mais uma vez, nas relações pessoais e políticas que existiam naquele ambiente intelectual, ainda mais determinantes quando este é exíguo como era o nosso, no século aqui em discussão, perfazendo um quadro de difícil alteração. De todo modo, o que disseram Azevedo e Alencar revela que “o poema de Firmino Rodrigues Silva teve, de fato, uma efetiva importância literária na definição do temário indianista” (p. 99).

4 A nênia é uma forma clássica que designa um canto fúnebre. Para defini-la, Marques apoia-se no *Traçado de versificação* (1905) de Olavo Bilac e Guimarães Passos, no qual consta que “de tradição romana ao lado do epitáfio e do epicédio, a nênia era um dos cantos ou poemas ‘que se recitavam nas exéquias das pessoas notáveis’ e que ‘era declamada ou cantada junto à fogueira, em que se incinerava o cadáver’” (p. 48). Além da explicação, Marques pontua que “à guisa de exemplo, [os autores] reproduziram um fragmento do poema de Firmino” (p. 48), fato que sugere o caráter emblemático da “Nênia” para a poesia brasileira, ao menos até o princípio do século XX. Para reforçar seu caráter de forma clássica e, nesse caso, fixa, cumpre dizer que “apesar de ter uma organização estrófica irregular, o poema é composto por 165 versos decassílabos brancos, dispostos ao longo de suas 12 estrofes” (p. 119), sublinhando o fato de que “a novidade indianista não está na forma em si, mas no motivo temático do texto” (p. 119).

Importância esta que vem a ser referendada pelas considerações feitas por Sílvio Romero e que aparecem na contracapa do livro de Marques, graças, certamente, à assertividade delas. Na *História da literatura brasileira*, de 1888, o crítico questiona-se: “Como riscar este homem de nossa história literária, se sua produção *maitresse* é um dos mais saborosos frutos da poesia nacional?” (p. 112). Mais à frente, ele afirma que “esta poesia é uma das mais autênticas manifestações do gênio brasileiro” e, por isso, Gonçalves Dias já teria encontrado “em seu tempo o caminho aberto. Como força diferenciadora em nossa evolução literária Firmino Silva pesa mais com aqueles poucos versos, do que algumas dúzias de certos paspalhões com seus indigestos cartapácios” (p. 113).

Então, o que teria ocorrido para que a “Nênia” perdesse de forma tão acentuada o seu *status* literário no século xx? A hipótese principal aventada por Marques, que se apoia em reflexões de Antonio Candido, diz respeito ao aparecimento da obra de Gonçalves Dias. Para o autor de *O poeta sem livro e a pietà indígena*,

ainda que o indianismo literário seja apenas uma de suas muitas preocupações temáticas, a poesia americana do autor maranhense, seja pela qualidade estética, seja pela legitimação tanto da crítica quanto de autores posteriores, literalmente “dominou o meio literário” romântico (p. 115).

Isso, aliado ao fato de que Firmino abandonou a poesia pela política, não escrevendo mais literatura, teria feito a repercussão de sua obra diminuir consideravelmente com o passar do tempo e, notadamente, aos olhos da posteridade, já menos imbuídos das relações interpessoais. Cabe ressaltar, por outro lado, que a “Nênia” ainda foi reproduzida mais sete vezes ao longo do século xx, mesmo que os estudos sobre ela tenham sido escassos (p. 117).

Por isso, Wilton José Marques propõe, no último capítulo do livro (“A *pietà* indígena e o outro desejo”), uma análise do poema, apresentando-o, quase que de estrofe a estrofe, tendo em vista o desconhecimento que paira atualmente sobre o mesmo. A fim de organizar sua leitura, Marques divide o texto, formado por doze estrofes, em três momentos distintos: o primeiro pode ser entendido como uma verdadeira proposição, na qual o eu lírico apresenta o mote do poema: a mãe indígena que chora o filho morto. O segundo momento, o mais extenso dos três, explicita o sofrimento da *pietà* indígena, que, em alguns versos, exclama ela mesma suas dores, gerando, em consequência, um sentimento de comoção que se aproxima da sensibilidade romântica. Por fim, nas duas últimas estrofes, o eu lírico retoma a voz poética para concluir seu canto, assinalando o desaparecimento da índia nas matas e a perpetuação de seu choro.

Da leitura feita por Marques, é possível destacar a reapropriação que Firmino Rodrigues fez da imagem de Niterói e sua pluralização ao longo do texto. Considerando o contexto de crescente nacionalismo, iniciado nas primeiras décadas do nosso século XIX, o crítico observa que tal imagem é utilizada pelo cónego Januário da Cunha Barbosa (1780-1846), na composição de seu poemeto épico *Niterói: Metamorfoses do Rio de Janeiro*, publicado em 1822, e por Gonçalves de Magalhães, na “Primeira ode pindárica ao glorioso dia 7 de abril”, contida no livro *Poesias*, de 1832, além de ser título, como é sabido, da primeira revista romântica brasileira: a *Niterói: Revista Brasiliense* (1836). Se, no primeiro desses textos, Niterói é figura mitológica, filho do Gigante Mimas e de Atlântida, sendo retratado como índio e convertido, devido a um castigo, na baía de mesmo nome, no segundo, além de índio, ele é “ainda retratado como o novo libertador e pai do Brasil”; já no poema de Firmino Rodrigues Silva, “Niterói é antes representado como uma índia que, travestida de *pietà*, chora o filho morto” (p. 128).

Esse percurso mostra, com clareza, a constituição das tópicas nacionais e a modificação, por vezes lenta, que se opera em torno delas, conforme o Romantismo se instala no Brasil, pois, embora o poema de Firmino se valha do modelo clássico, ainda que em uma medida talvez menor que a de seus antecessores, nota-se a maior expressividade na imagem escolhida, que se apoia na intersecção entre o motivo nacional, a índia, e o universal, o luto materno. Gonçalves Dias, por exemplo, ao optar por esse caminho, produzirá poemas de grande beleza, caso do notável “Leito de folhas verdes”.

Quanto ao processo de pluralização da imagem de Niterói, Marques cita, entre outras, a seguinte estrofe, da primeira parte do texto, por meio da qual tal processo pode ser percebido de forma evidente, aliado ao sentimento de dor decorrente da perda do “melhor dos amigos”:

[...] – Foi em teu seio
Que também, Niterói, meus olhos viram
Pela primeira vez a cor dos bosques
E o azul dos céus e o verde mar das águas;
Também sou filho teu, oh! minha pátria,
E o melhor dos amigos hei perdido,
Da minha guarda o anjo... eia deixemos
Amargurado pranto deslizar-se
Por faces onde o riso só folgara;
Que ele mitigue a dor que não tem cura! (p. 132)

Nela, Niterói é identificada não apenas como mãe de um indivíduo, mas como pátria, mãe de todos, e, embora essa palavra possa ser compreendida como país, ou como lugar do qual se é originário, conforme explica Marques, o mais relevante é a clara multiplicação das imagens às quais a índia está associada, podendo ser identificada com o Brasil ou com a cidade do Rio de Janeiro, onde o eu lírico teria nascido, “já que foi no seio dela que o eu lírico, reconhecendo-se igualmente como filho, pôde, inclusive, ver ‘a cor dos bosques/E o azul dos céus e o verde mar das águas” (p. 133). Esse último trecho permite identificar a índia com a exuberância da natureza local, espelhando, concomitantemente, a dor do indivíduo, já que o pranto escorre pela face de ambos diante de sua perda comum.

Como um todo, a análise de Wilton José Marques nos possibilita visualizar como a “Nênia à morte do meu bom amigo o Dr. Francisco Bernardino Ribeiro” trabalha tópicos já existentes e introduz outras imagens, que se tornariam da maior importância para o cânone romântico brasileiro, fazendo com que a resposta para a pergunta inicialmente colocada pelo livro seja afirmativa. Como complemento de seu trabalho, Marques oferece ao leitor uma antologia composta por onze poemas de autoria de Firmino Rodrigues Silva, dentre eles a própria “Nênia”, fazendo com que este seja finalmente publicado em um livro, diga-se de passagem.

Mais do que asseverar a considerável importância de um poema até então esquecido para a constituição do cânone literário romântico brasileiro, *O poeta sem livro e a pietà indígena* demonstra a relevância da crítica literária na inclusão ou exclusão de obras literárias nesse mesmo cânone, seja a partir de critérios estéticos, seja devido à importância histórico-social dos textos, sem deixar de pontuar as relações interpessoais que se fazem presentes nos ambientes intelectuais. Nesse sentido, cabe aos leitores e à crítica, mas sobretudo a esta última, a leitura atenta e o questionamento consciencioso dos juízos sedimentados pelas histórias literárias, já que, conforme pontua Antonio Candido, em trecho utilizado por Marques como epígrafe, “um movimento literário é constituído por textos de qualidade alta e textos de qualidade modesta, formando no conjunto uma massa de significados que influi em nosso conhecimento e nos nossos sentimentos”.

Natália Gonçalves de Souza Santos é Doutoranda em Teoria Literária na Universidade de São Paulo